

A ideia de América Latina

The idea of Latin America

Telmo Adams
telmoadams@yahoo.com.br
Ana Maria Formoso
anamformoso@yahoo.com.br

MIGNOLO, W.D. 2007. *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona, Gedisa Editorial, 241 p.

Walter D. Mignolo, autor da obra nasceu na Argentina e atualmente é professor titular da cátedra William H. Wanamaker, do Departamento de Romance Studies e diretor de *Global Studies and Humanities del John Hope Franklin Center for Internacional and Interdisciplinary Studies*, na Universidade de Duke (Durham, Carolina do Norte, Estados Unidos).

Em *La Idea de América Latina*, Mignolo (2007) analisa a história dos silêncios produzidos no processo de invenção da América Latina, pelos relatos do início do século XVI, que desconsideram toda a história anterior dos povos dessas terras. Esses silêncios continuaram a ser (re)produzidos durante os 500 anos seguintes, nos quais vigorou o modelo de humanidade ideal do homem branco, cristão e europeu. Quanto a esse aspecto, o autor é enfático: a ideia de América e América Latina se constituiu por meio da classificação racial do mundo, em que o critério eram os ideais ocidentais cristãos (Mignolo, 2007, p. 43). Tecendo argumentos em torno dessa questão, o livro se propõe a contribuir para a ousada tarefa de reescrever a história da América Latina com bases em outra lógica, em outra linguagem e em outro marco de pensamento.

Para Mignolo (2007), o processo histórico, por meio do qual a Europa iniciou o caminho para a hegemonia,

escondeu o lado obscuro da modernidade: a colonialidade. Nesse sentido, o livro apresenta uma argumentação crítica que tem como pano de fundo a íntima relação entre colonialismo econômico e dominação cultural, com centralidade no componente religioso e na subalternidade social e política. A cosmologia dos povos indígenas, segundo a qual natureza e humanidade podem coexistir, foi sufocada pelo pensamento hegemônico da modernidade (Bacon, 2006), que assume como ponto de partida a oposição entre o homem e a natureza.

Enquanto as autoridades imperiais decretaram a barbárie indígena, Mignolo (2007) argumenta que a barbárie estava em outro lugar: no genocídio praticado pelos europeus.

O texto traz uma distinção de sentidos para o uso dos termos “descobrimento” e “invenção”. O descobrimento da América decorre da ideia de quem chegou com autoridade para se apropriar e dominar. Já a invenção da América refere-se à formulação do processo de colonização (e colonialidade), desde o ponto de vista dos que aqui viviam. Após o domínio dos colonizadores, passaram a submeter-se à dinâmica da relação intrínseca com os projetos de expropriação, de progresso linear e ilimitado, típico da lógica da modernidade europeia.

Mignolo (2007) propõe que modernidade/colonialidade sejam assumidas na interação, como “duas caras de uma mesma moeda” e não como formas isoladas de pensamento. Por meio de uma visão relacional, concebe a lógica da colonialidade desenvolvida no bojo da ideia de América, em torno de quatro domínios da experiência humana: (a) o econômico, que remete à apropriação da terra, à exploração da mão de obra e ao controle das finanças; (b) o político, o qual se liga ao controle da autoridade; (c) o social, que se refere ao controle do gênero e da sexualidade; (d) e o epistêmico, que se relaciona ao subjetivo e pessoal, incluindo o componente religioso (cristandade), este ligado ao domínio do conhecimento e da subjetividade.

Nos processos contraditórios das visões hegemônicas – já que é impossível matar as ideias – brotaram posturas contra-hegemônicas, constituindo o que, atualmente, se denomina “pensamento fronteiriço”. Ou seja, a perspectiva da colonialidade caracteriza-se, exatamente, pela escuta do ponto de vista dos sujeitos historicamente anulados pelo colonialismo, cuja reação é o “pensamento de fronteira” que propõe uma transformação descolonial, a qual explicita, de forma contundente, a visão silenciada dos acontecimentos históricos.

Essa leitura, de acordo com o autor, não nega a modernidade, mas põe o acento na coexistência e na simultaneidade. Em outras palavras, revela que modernidade e colonialidade são indissociáveis. A chegada dos conquistadores significou um *pachakuti*: “invasão violenta, destruição sem piedade, desprezo pela forma de vida existente, um cataclisma sobre todos os níveis de existência, e momento de fundação da ferida do mundo moderno/colonial” (Mignolo, 2007, p. 77). *Pachakuti* é o tipo de processo que os povos americanos têm experimentado e seguem experimentando hoje em dia, como consequência da conquista colonizadora.

A partir de 1810, as ideias republicanas praticadas na França apoderaram-se dos corpos e das mentes de muitos crioulos de origem europeia. A emancipação política correspondeu ao surgimento de uma nova classe social, a burguesia: brancos, educados na cosmologia cristã. A ideia de América Latina permitiu que as elites crioulas se distanciassem de seu passado espanhol e português e abraçassem a ideologia da França, dando as costas aos índios e negros, transformando-se na nova elite pós-colonial. “A matriz colonial mudou de mãos, mas seguiu em pé” (Mignolo, 2007, p. 92). Isso indica que a lógica da colonialidade persistiu.

Mignolo (2007, p. 145 e 146) sublinha a importância da historiadora Sylvia Wynter (2003), intelectual de Jamaica, que analisou a celebração do descobrimento da América, focalizada na observação do destino dos negros, a partir de 1492. A autora questiona a perspectiva única do “paradigma do novo” da visão eurocêntrica, argumenta que a ideia da “invenção” da América foi protagonizada por crioulos, índios e africanos que contribuíram efetivamente na criação do “paradigma da coexistência”.

Para embasar seu pensamento Mignolo (2007) apresenta a contribuição decisiva de Guaman Poma¹ tão importante para o pensamento crítico descolonizador, para o povo andino, como foi o marxismo para o pensamento crítico emancipatório depois da Revolução Industrial. Remete a Gauman a origem do “paradigma da coexistência” que propõe uma ruptura epistêmica espacial-temporal (geopolítica) articulando a tríade: espanhol, índio e africano. Um dos aspectos propostos pela cultura indígena (e também negra), aspecto destacado no “paradigma de coexistência”, foi a forma horizontal de organização das instituições sociais que se contrapunha ao modelo imperial de exercício do poder.

Mignolo (2007) lembra que de ambos os lados verificava-se a constante dissidência. De um lado, crioulos como Francisco Bilbao (1988) que defendia uma segunda independência protagonizada pela raça latino-americana, ou pela América do Sul como um todo. De outro, havia também nativos que assumiram o combate aos indígenas identificados como bárbaros. Na obra *La América en peligro* publicada em 1862, Bilbao alerta para versões locais de imperialismo apregoadas por alguns nativos, como o argentino Domingo Faustino Sarmiento que, em nome da civilização, promoveu o extermínio dos indígenas como caminho para chegar ao progresso.

Em uma América Latina em efervescência, Mignolo (2007, p. 116) retoma conceitos como americanidade e latinidade passando por um amplo grupo de pensadores do século XIX e XX. Estabelece relações com o movimento do Fórum Social Mundial que, segundo seu entendimento, contribuiu para criar uma visão da América Latina que mitiga a vulnerabilidade em favor de uma “outra globalização”.

O autor dedica a parte final do livro à análise dos movimentos sociais e às possibilidades dos caminhos da interculturalidade. “Interculturalidade, em sentido amplo, se refere aos povos indígenas e seu reclamo radical pelos

¹ Felipe Guaman Poma de Ayala (1550-1616), ou Guaman Poma foi um nativo Quechua e Aymara orador que aprendeu o idioma espanhol e escreveu a mais longa crítica (cerca de 1.200 páginas) sobre os efeitos nefastos da colonização espanhola sobre as comunidades indígenas do Peru. Mais detalhes da sua obra em http://en.wikipedia.org/wiki/Guaman_Poma. Acesso: junho de 2009.

direitos epistêmicos...” (Mignolo, 2007, p. 139). Dessa forma, interculturalidade não significa a expressão da mesma lógica em línguas distintas, mas afirma que duas lógicas também podem dialogar em vista do bem comum. Por isso, o historiador identifica esta busca nas trilhas do movimento fronteiriço que ele nomeia de paradigma “descolonial de coexistência que busca combinar as formas de saber indígena e ocidental” (Mignolo, 2007, p. 147).

Mais que uma análise sociológica, o livro de Walter Mignolo em questão caracteriza-se por um pensamento filosófico, antropológico e epistemológico sobre a América de perspectiva não linear nem dicotômica, mas dialética; e, sublinhe-se, pela ótica dos “condenados da terra” (Fanon, 1979). A leitura do livro descortina um amplo diálogo que não se esgota em respostas simples senão em um pensar crítico e dialógico com as vozes silenciadas do Sul. De acordo com Alfonso Torres Carrillo (2009, p. 16), Mignolo (2007) destaca-se pela “teoria do pensamento descolonial”, em diálogo com a tradição crítica marxista. Nessa perspectiva, o autor de *La idea de América Latina* questiona e subverte a presença da racionalidade e do poder colonial nas diferentes práticas de saber, de poder e de ser, a partir da resistência dos povos colonizados na América.

O pensamento de Mignolo (2007) está articulado com movimentos sociais que buscam a defesa da vida em todas suas dimensões. A proposta de Mignolo faz um corte necessário para repensar coexistências originárias

que foram silenciadas por muitos séculos. Trata-se de uma releitura instigante e necessária. A posição de Fernando Huanacuni (2009), uma das principais referências intelectuais dos aymara na Bolívia, sustenta que “a base do processo de mudança no país está na retomada de culturas originárias, a volta ao paradigma comunitário e a seu modelo pedagógico e jurídico de governo”. O processo de colonização individualizou o pensamento e nos dessensibilizou. O que se propõe, é que conectemos outra vez o que a colonização desconectou.

Referências

- BACON, F. 2006. *Francis Bacon: da proficiência e o avanço do conhecimento divino e humano*. São Paulo, Masdras Editora, 252 p.
- BILBAO, F. 1988. La América en peligro. In: BILBAO, F.; WITKER VELÁSQUEZ, A., *El evangelio americano*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, p. 187-271.
- FANON, F. 1979. *Os condenados da terra*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 276 p.
- HUANACUNI, F. 2009. Nosso modelo não é comunista, mas comunitário. Entrevista de Vinicius Mansur. *Brasil de Fato*, 13.07.2009. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23868; acesso em: 08/2009.
- TORRES CARRILLO, A. 2009. Educación Popular y nuevos paradigmas. Desde la producción del CEAAL entre 2004 y 2008. *La Pira-gua*, 28. Disponível em: www.ceaal.org; acesso em: 05/2009.
- WYNTER, S. 2003. Unsettling the coloniality of being/power/truth/freedom. *The New Centennial Review*, 3(3):257-337.